

*Encomium*¹

Maria de Fátima Marinho

Universidade do Porto
Presidente do DEPER

Magnífico Reitor da Universidade do Porto
Senhor Vice-Reitor
Senhores Presidentes dos Conselhos Directivo e Pedagógico
Senhores Professores e Funcionários
Minhas Senhoras e meus Senhores

Não chegarei à precisão irónica de Victor Hugo que, na primeira linha de *Notre-Dame de Paris*, marca a distância temporal entre o momento da escrita e o do tempo evocado, escrevendo: faz hoje 348 anos, 6 meses e 9 dias². Mas não faltarei à verdade se disser que faz hoje, dia 25 de Outubro, trinta anos, mais dia menos dia, que eu, então aluna do 2.º ano de Filologia Românica, tive a primeira aula com o Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, então jovem assistente e no terceiro ano de docência na Faculdade de Letras do Porto. Era, o Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, professor de Literatura Portuguesa II, disciplina que estudava os séculos XVI e XVII, e distinguia-se já pela erudição do seu saber e pelo tom muito próprio que sabia imprimir às aulas, aulas que se transformavam para nós em descobertas constantes e em momentos de prazer e, até, de divertimento.

Por isso, falar (eu) hoje, aqui, ainda que por imposição das funções que desempenho neste momento, é não só falar em nome dos colegas que o tiveram como Professor ou que com ele conviveram nestes anos, mas também falar por mim própria que, apesar de só ter sido sua aluna um ano, com ele convivi durante trinta, sempre usufruindo da sua amizade e do seu saber. Não seria,

1. Elogio proferido pela Presidente do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos por ocasião da entrega da medalha de Ouro da Faculdade de Letras ao Prof. Doutor José Adriano de Freitas Carvalho pelo Magnífico Reitor da Universidade do Porto

2. Cf. Victor Hugo, *Notre-Dame de Paris*, in *Romans 1*, Coll. L'Intégrale, Paris, Seuil, 1963, p. 243: «Il y a aujourd'hui trois cent quarante-huit ans six mois et dix-neuf jours (...)».

talvez, eu a pessoa indicada para proferir este elogio, pois há aqui colegas cujos doutoramentos por ele foram orientados, como Isabel Pires de Lima, Ivo Carneiro de Sousa, Maria de Lurdes Correia Fernandes, Maria Luísa Malato Ferreira da Cunha, Zulmira Coelho dos Santos ou Pedro Vilas-Boas Tavares, e que partilham a mesma área do conhecimento e de interesses. Por razões várias, que, se calhar, também passam por motivos de ordem sentimental ou, até, passional, não me especializei nos seus séculos de eleição, mas nem por isso deixei de sempre apreciar os seus escritos e de encontrar ligações entre a sua investigação e algumas facetas da minha própria. Não estou tão longe como poderia parecer e estou, com certeza, próxima do Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, enquanto pessoa e enquanto amigo.

Nasceu em Castelo de Paiva em 27 de Outubro de 1937, lugar ainda hoje de sua especial preferência e onde gosta de se refugiar, qual Sá de Miranda em terras de Basto. Licenciou-se em 1961 em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Deste tempo, guarda uma grata lembrança do convívio com Humberto Baquero Moreno e Luís António de Oliveira Ramos, hoje também professores catedráticos aposentados desta Faculdade. O conhecimento com o último fez-se logo no comboio que o levava pela primeira vez para a Universidade, tendo a amizade perdurado durante décadas e até ao momento presente. Depois de licenciado foi professor no Liceu Camões, em Lisboa, e logo depois em Guimarães, onde conheceu o Prof. Doutor Jorge Osório a quem incutiu o gosto do cachimbo e do tabaco. Seguiram-se o Liceu Alexandre Herculano, no Porto, e o Liceu de Viseu, até 1964, data em que foi para Estrasburgo, como bolseiro do Governo francês, e onde fez estudos com Jean Dagens, mestre na espiritualidade francesa. Aí desenvolveu um projecto de investigação sobre a influência e difusão de S. Francisco de Sales em Portugal.

Acabada a bolsa, vai para a Universidade de La Laguna nas Canárias como leitor, onde, sob a influência da Prof. Doutora Maria de Lourdes Belchior, de quem tinha sido aluno em Lisboa, começa a estudar a obra de Santa Gertrudes de Helfta. Teve até o privilégio de poder consultar o original, de 1536, do *Legatus Divina Pietatis*, da autoria da Santa, emprestado à Universidade de La Laguna pela Biblioteca Nacional de França. Quando, anos depois, vai para Salamanca, ainda como leitor, dedica-se à literatura de comportamento social (concretamente *A Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo) e estabelece um projecto de tese com o Prof. Real de la Riba. É também nesta cidade que tem conhecimento, através da versão dactilografada de Hans Ulrich Gumbrecht, da obra de Hans Robert Jauss, obra por que sente um determinante fascínio e que condiciona a sua forma de encarar o fenómeno literário e cultural. Qualquer um dos seus alunos do início dos anos setenta pode, certamente, testemunhar da importância que a estética da recepção assumia na compreensão das obras e dos movimentos estudados. O grupo de amigos com quem convive em Salamanca marca decisivamente a sua ligação a Espanha e à cultura espanhola que tão bem conhece e ama. Entre eles, hoje universitários conceituados no país vizinho, contam-se nomes como José Luís Peset, José Antonio Pascual, Juan García Cuadrados e Manóel López Pérez.

Em 1970, a convite da Prof. Doutora Maria de Lourdes Belchior, vem para a Universidade do Porto, para a então recente secção de Filologia Românica, de que é um dos fundadores. Nessa época, eram meia dúzia os Professores (Ana Paula Quintela, Mário Vilela, Arnaldo Saraiva, e depois, Jorge Osório, Joaquim Fonseca e Fernanda Irene Fonseca), poucos os alunos e grande o convívio e a amizade entre uns e outros. Co-orientado pela Prof. Doutora Maria de Lourdes Belchior, pensa continuar o trabalho encetado em Salamanca e, em 1974, tem a tese de Doutoramento quase pronta. Os tempos a seguir à revolução de Abril eram pouco propícios a defesas tradicionais de Doutoramento, pelo que o Prof. José Adriano de Carvalho se propõe apresentar a tese em Paris. Só que, em França, Rodrigues Lobo é um desconhecido e esse facto marca o regresso defi-

nitivo à literatura de espiritualidade e à obra de Santa Gertrudes de Helfta, que ele começara a estudar nas Canárias. Enquanto última essa pesquisa é leitor no King's College de Londres, de 1975 a 1977. Neste ano regressa a Portugal e à Faculdade de Letras e doutora-se no ano seguinte com uma dissertação intitulada *Gertrudes de Helfta e Espanha – Contribuição para o Estudo da Espiritualidade Peninsular nos Séculos XVI e XVII*. Como prova complementar, aprofunda a investigação iniciada em Salamanca sobre Rodrigues Lobo e apresenta um valioso e inovador estudo sobre as fontes da *Corte na Aldeia*. Em 1979 faz a agregação, tendo proferido uma lição sobre «A Imagem da Vida de Cristo de Frei Heitor Pinto». É catedrático desde 1981 e foi Presidente do Conselho Científico em 1981 e 1982. Ao longo de três décadas, ensinou Literatura Portuguesa, Literatura Espanhola, Cultura Portuguesa e História do Humanismo e do Renascimento e criou escola, reunindo à sua volta jovens investigadores que começam também a ser conhecidos pela sua actividade científica. Foi o fundador do Instituto de Cultura Portuguesa e do Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, primeiro organismo do género e que congrega especialistas do país e do estrangeiro. É também investigador do Centro Inter-Universitário Camoniano da Universidade de Coimbra. Entre 1983 e 1985 foi o responsável português pela Acção Integrada Luso-Espanhola com a Universidade de Salamanca sobre as «Relações Culturais Luso-Espanholas nos Séculos XVI e XVII» e foi responsável pelo Projecto de Investigação «Biblioteca Sacra e Missionária» patrocinado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. De 1984 a 1991, foi vogal do Conselho de Investigação da Universidade do Porto. De 1978 a 1981, foi Professor-Visitante da Universidade de Navarra e, em 1991, do Istituto Universitario Europeo em Florença. Em 1991, foi Directeur d'Etudes Associé na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e em 1991 foi Director do «Seminário Damião de Góis» dos Estudos Gerais da Arrábida-Conferências do Convento. Em 1995, foi Coordenador do Encontro «O Concílio de Trento», realizado no mesmo lugar. Entre 1993 e 1995, foi Presidente do Conselho Científico do «Programa Lusitânia» (Instituto Camões-J.N.I.C.T.). É sócio ordinário da Società Internazionale di Studi Francescani (Assis, Itália) e é sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Além de todas estas actividades de elevado nível científico, há ainda a salientar uma participação muito activa, e desde os tempos da Filologia Românica, passando pelos da secção de Línguas e Literaturas Modernas, Línguas e Literaturas Românicas e, finalmente, o Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, que se traduziu por um interesse sempre renovado pelas várias reestruturações curriculares, de cujas comissões foi um membro efectivo e participante. Como primeiro catedrático de Românicas e como antigo professor de muitos dos actuais docentes da Faculdade, o Prof. Doutor José Adriano de Carvalho sempre se mostrou disponível na indicação de bibliografia, nas sugestões que lhe eram pedidas e até no empréstimo de livros de difícil acesso. Além das orientações de Doutoramento já assinaladas, há ainda a sublinhar a orientação de um docente da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e mais quatro direcções em curso, das quais duas são de assistentes da Faculdade de Letras. Participou em dois Mestrados, de Cultura Portuguesa e de História Medieval, de cujos estudantes orientou várias teses.

Seria inútil enumerar as suas publicações que estão presentemente reunidas na exposição que se pode apreciar na Biblioteca³. É, no entanto, de salientar o pendor erudito de todas elas e o contributo decisivo para o conhecimento da história da espiritualidade na Península Ibérica e das relações culturais entre Portugal e a Espanha nos séculos XVI e XVII.

Não ficará completo o perfil do Prof. Doutor José Adriano de Carvalho se não referir o seu

3. O elenco das publicações figura na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, vol. XIX, 2002, em sua Homenagem.

gosto de colecionador, de peças antigas e requintadas, porcelanas e livros raros, o prazer em estar no Coto ou em conversar com um amigo.

Para quem passou tantos anos na proximidade, no convívio dele, é difícil criar um distanciamento maior e usar de uma linguagem mais cerimoniosa, oficial... Por isso, é melhor terminar, dizendo-lhe o meu/nosso obrigado pelo que ensinou, pelo seu saber que sempre pôs ao dispor de quem o solicitava, pela concepção exigente e elevada que sempre teve da Universidade. A cerimónia de hoje significa também isso, e a medalha de ouro que solicito ao Exmo Senhor Presidente do Conselho Directivo, Professor Doutor Rui Manuel Sobral Centeno, entregue ao Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, é a melhor prova do reconhecimento da Faculdade e dos seus membros pelo trabalho desenvolvido por um docente que sempre prestigiou a instituição e contribuiu para a tornar conhecida e conceituada. Falta-me o «engenho e arte» para terminar, por isso dou a palavra a António Ferreira, na «Carta Ao Cardeal Ifante D. Anrique, regente»⁴:

(...)

Em nenhum estudo bom pode haver vício.

As artes entre si se comunicam:

Cada uma ajuda à outra em seu ofício.

De areia, e cal, e pedra, os que edificam

(baixas, mas necessárias miudezas)

as torres erguem, que tão altas ficam.

Tem também seus princípios as grandezas,

E às cousas grandes pequenas ajudam.

Boas letras, Senhor, não são baixezas.

Pera o público bem também estudam

E cantam os bons poetas, deleitando

Ensinam, e os maus afeitos em bons mudam.

(...)

E permito-me captar a benevolência do ilustre público, citando Sá de Miranda na «Carta I, a El-Rei, Nosso Senhor»⁵:

(...)

Mas eu som de ums guardacabras

Que se vão de ponto em ponto,

Querem sôs duas palavras,

Que dos gados e das lavras;

Despois não têm fim nem conto.

Assi que seja aqui fim,

Tornem as praticas vivas.

Perdestes mea ora em mim

Das que chamam sossessivas

Estes que sabem latim.

4. António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Edição Crítica, Introdução e Comentário de T. F. Earle, Lisboa, Fundação Calouste de Gulbenkian, 2000, 322.

5. Sá de Miranda, *Poesias* (Ed. de Carolina Michaelis de Vasconcelos), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 204.